

O AMBIENTE, O SENTIMENTO E O PENSAMENTO
alguns esboços de ideias
para pensar o trabalho do ambientalista e do educador ambiental

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

*Se vale a pena viver a vida esplêndida - esta fantasmagoria
de cores, de grotesco, esta mescla de estrelas e de sonho?
... Só a luz! Só a luz vale a vida! A luz interior ou a luz
exterior. Doente ou com saúde, triste ou alegre, procuro a luz
com avidez. A luz, para mim é a felicidade. Vivo de luz.
Impregno-me, olho-a num êxtase. Valho o que ela vale.
Sinto-me caído quando o dia amanhece baço e turvo. Sonho
com ela e de manhã é a luz o meu primeiro pensamento.
Qualquer fio me prende, qualquer reflexo me encanta.*

*Raul Brandão Balanço à Vida
Se Tivesse de Recomeçar a Vida*

O que está escrito aqui são idéias em esboço. Seu valor maior são as várias ocasiões em que elas foram colocadas em volta de mesas e círculos. As várias vezes em que foram ouvidas e faladas, dialogadas, postas em questão, melhoradas por outros que ouviam o que eu dizia e lia, e que depois devolviam as minhas idéias – que são na origem as palavras e idéias de outros também -melhores, mais claras, mais vividas. Em um primeiro momento foram anotações feitas depressa e escritas a mão. Aquelas idéias que você lembra e anota num pedacinho de papel para não esquecer. E às vezes esquece... às vezes não.

Ao contrário do que acontece em outros textos - mais acadêmicos, mais perseguidos pelo furor vigilante da Academia - não me preocupei em citar autores e indicar citações. Qualquer leitor moderadamente estudioso saberá reconhecer, aqui e ali, alguma inspiração de outras fontes, de outros autores, nas minhas leituras. Qualquer leitor sensato saberá reconhecer, nas idéias ainda imperfeitas, aquelas que respondo por minha própria conta.

A competência intelectual responsável

Quando o *Supremo Senhor*, o Deus Krishna diz a Árjuna o que foi criado por ele naquilo que nos faz humanos, ele começa pelo conhecimento. Ele diz assim:

*As realidades humanas
(compreensão; inteligência;
estar-livre-da-ilusão;
veracidade; perdão
autocontrole; firmeza;
felicidade; tristeza;
nascimento; decadência;
covardia; destemor;
equidade; não-violência;
satisfação; penitência;
caridade; infâmia; fama)
foram criadas por Mim.*

De qualquer maneira e sempre é preciso conhecer. Será preciso, o tempo todo, estar realizando a ousadia e o esforço de adquirir mais e melhor conhecimento.

E qual é ele? Ele é uma gama múltipla e tão integrada quanto possível de diferentes formas e dimensões do saber humano: de conhecimento científico, de conhecimento tecnológico, de conhecimento filosófico, de conhecimento artístico (arte também se conhece, quando se pratica ou não), de um conhecimento ainda mais propriamente espiritual, de conhecimento místico, confessadamente religioso ou não. Enfim, de todas as regiões dos múltiplos cenários do imaginário por onde vaga e viaja esta aventura que nos fez humanos: sermos uma consciência reflexiva. Uma estranha maneira, entre a onça e o anjo, de ser capaz de conhecer e de conhecer-se conhecendo. Capaz de sentir e se sentir conhecendo e sentindo. De ser uma ponte, onde parece que outros seres são um lugar.

De qualquer maneira, a aquisição inacabável de conhecimento nos obriga a um exercício permanente de estudo e de reflexão. Pode ser que existam e estejam sendo desenvolvidas agora outras formas alternativas de crescimento do entendimento. Afinal, em todas as direções, toda a humanidade, depois de haver desenvolvido tanto o cérebro, parece que o usa apenas em uma pequenina proporção. Mas dificilmente algo substituirá, pelo menos por muito tempo, as formas tradicionais de estudo, da experiência sistemática e de diálogo em volta do conhecimento da realidade.

Pois uma busca pessoal e universal da verdade, da transparência não ilusória dos segredos de nós mesmos, da Vida e de tudo o que nos envolve, na ordem incomensurável do Cosmos é ainda uma das tarefas menos substituíveis no processo que nos fez e segue nos fazendo mais e mais humanos. Esta busca do saber através da pesquisa e do estudo não se esgota apenas na atividade intelectual a que parece estar mais ligada.

Ela está presente em todas as dimensões de nosso ser e, bem dirigida, as enriquece todas. Está fronteira entre o sonho e o saber sistemático. O conhecimento fundado na ciência e na filosofia; ordenado equilibrado e criativamente capaz de tornar fecundos e úteis, em cada um de nós, os nossos gestos como pessoa e como profissional.

Gestos de enferrujamento e de crítica, mas igualmente gestos de afeto e de meditação profunda. Gestos de relação humana e de trabalho produtivo, que a uma só vez criam em nós e entre nós os atos estendidos desde o mais amplo sentido unitário e espiritual do nosso ser, até a prática profissional e quotidiana dirigida a uma ação especializada em qualquer coisa.

Em tempos em que se valoriza tanto a emoção, o sentimento e o afeto; em tempos em que a razão parece uma armadura antiga e pesada, em tempos justamente

assim é preciso redescobrir o sentido e o valor do conhecimento. Isto mesmo: o valor do saber, do conhecimento. O valor do pensamento rigoroso, capaz de criar compressão, de atribuir significados, de estabelecer valores e de discernir com critério. De ser um compromisso em busca da verdade. Ou das verdades que criam, juntas, a verdade. Mas um conhecimento também destinado a ser aplicado. A se colocar diante dos fatos e saber produzir dados corretos, pontes entre informações, juízos lúcidos de fundamentos da ação. Técnicas de ação que criem, por exemplo, uma qualidade de vida mais humana e mais estendida a todas as pessoas. Formas de saber sem o temor infantil das teorias. O saber da coragem de saber pensar teoricamente por conta própria (sem o quê tudo é receita e é fórmula feita). De aprender a participar do debate teórico em seu próprio campo de estudos ou de profissão. De pensar criativamente, o que impossível sem uma prática perseverante de estudo e reflexão.

O estudo pessoal e o estudo em equipe não deveriam deixar de ser uma costume tão cotidiano quanto possível. É importante nunca esquecer que o que consolida uma sensibilidade verdadeiramente fecunda e criativa, é a sua associação a uma capacidade pessoal de pensar inteligentemente, de uma maneira também fecunda e criativa.

Não abrir mão da competência profissional, e dirigir a ela uma parte importante da educação, desde os seus começos, em cada criança. E, porque não? ao longo de toda a vida. Pois somente uma visão muito estreita do sentido do saber acredita que há um momento na vida em que se sabe “tudo o que se precisa”, e já se pode parar de enfrentar o trabalho de saber.

Mas há uma questão de bom tamanho aqui. Ela sempre foi importante, mas é bastante mais importante em nosso mundo tão mutável, e é mais importante ainda quando o campo do trabalho (profissional e/ou voluntário) envolve o círculo múltiplo e interligado das questões ambientais.

De um lado, em uma época que parece crer na especialização e valorizar o especialista competente, é preciso saber estar sempre associando o saber do especialista, medido em termos de competência, ao saber crítico do cidadão participante, medido pela consciência. Claro, hoje em dia é impossível vir a estudar “tudo” e chegar a conhecer “tudo”, mesmo em planos não muito profundos. Mas não se trata disto. Trata-se de manter-se aberto. A mente emocional é uma mente que não sabe fechar portas e janelas voltadas para dentro e para fora de si mesma. Ela deseja estar sempre interessada em conhecer e em estudar criteriosamente o necessário para saber tudo aquilo que, próximo ao meu “círculo de perguntas”, tem a ver com a expansão da minha consciência. Com a capacidade de integrar em minha meditação pessoal e em minha prática de trabalho

círculos mais e mais amplos de *sensibilidades* (o conhecimento vivido como afeto), de *conhecimentos* (o afeto vivido como um saber) e de *valores* (o afeto e o saber vividos como critérios do agir).

Por outro lado, devemos conspirar, mesmo no campo do estudo e do sentido do conhecimento em nossa vida, contra todo o desejo do individualismo e da competição fútil. Ser competente e conhecer a fundo um campo do saber e do fazer, para também por aí aprender a estabelecer relações com as outras pessoas. Para conseguir conviver *em e entre* redes de criadores. Para participar fraternalmente de equipes de pessoas.

Através de uma prática contínua de estudo e de reflexão crítica, devemos amorosamente aprender a associar a competência especializante à criação pessoal. Em tempos de imersão em avalanches de informações acumuladas e de conhecimentos prontos e disponíveis ao toque de teclas, é urgente ousarmos re-estabelecer a educação sobre a capacidade de criar o seu próprio conhecimento. O conhecimento criadoramente pessoal e o conhecimento compartilhado, aprendido e recriado dentro de equipes de sensibilidade, de pensamento e de ação.

Pensar e praticar uma competência profissional fecunda. Conspirar sem tréguas contra a rotina, contra a reprodução facilitada, contra deixar-se vir a ser o especialista reduzido ao competente embotado. Se estamos sendo capazes de produzir *robots*, é porque devemos estar prontos a sermos cada vez mais os seus exatos opostos. Eles pensam como nós os programamos para pensar. Mas nós mesmos devemos ser sempre criadoramente improgramáveis

O que nos torna humanos é a nossa capacidade de estarmos sendo sempre o que não se espera. De vivermos criando programas e fórmulas para depois superá-los e transgredi-los. De resto, só vale a pena aprender alguma coisa quando eu aprendo, ao mesmo tempo, a fazê-la de uma outra maneira. A criar do imprevisto a perfeição do programado. Talvez esta seja uma primeira diferença entre a *sabedoria* e o *saber*. Outras nos esperam adiante.

Existem algumas maneiras muito fáceis de se descobrir quando a experiência do saber com que se convive não está sendo propriamente fecunda. Algumas perguntas podem ajudar. Por exemplo: aquilo em que eu acredito é posto em diálogo comigo mesmo e com os outros? Sou capaz de confrontar as minhas idéias, os meus valores, as minhas convicções com as dos outros, respeitando sem temores as nossas divergências? Crio as minhas idéias e vivo-as livremente, sendo capaz de mudá-las, quando isto me parece reflexivamente necessário? Convivo com o conhecimento estudado e refletido, com as minhas crenças, com os valores que vou constituindo como meus, como uma

‘obra aberta’? Sou capaz de cada vez mais conviver com o que vou aprendendo, como sistemas de sentido (minhas teorias científicas, minha adesão espiritual e/ou religiosa, minha ética de valores, meus códigos ambientais, meus ...) sempre abertos a serem aprofundados? Sempre disponíveis a serem acrescentados de algo novo? A serem modificados em parte ou a serem mesmo transformados profundamente, se isto for sentido como interiormente devido? Ou eu me aferro ao que “já sei”, ou àquilo em que eu acredito, como um alguém que vive o seu conhecimento não como um instrumento da Vida consciente em mim, mas como um verdadeiro fetiche: o que “eu sei” é absoluto, é imóvel, é não confrontável e é irreduzível a qualquer outra idéia ... e, então, o que eu sei me domina?

Leio e estudo para construir um saber pessoal, partilhado com outros? Ou para adquirir fórmulas fáceis de “bem viver” (ah, o nosso tempo, repleto de manuais para todos os usos!)? O conhecimento que eu adquiero me desafia a abrir-me a mais conhecimento? Ele me leva entusiasticamente a integrações mais difíceis, como vãos feitos para sair de meu círculo de consciência e arriscar-me a outros? Ou há um momento eu que eu digo: “chega, o que eu tenho basta pro meu gasto”?

Vou voltar a este ponto no item a seguir.

Mas antes, é preciso considerarmos um último aspecto aqui. Não é sempre que isto acontece, e nem sempre o é com uma intensidade muito forte, mas de vez em quando vemos em nosso meio uma tendência a sobrevalorizar a espiritualidade ou a *mística*, contra (contra mesmo) a *ciência*. Isto de vez em quando acontece de maneira paralela a uma redescoberta do valor dos sentimentos e das buscas espirituais como um caminho mais humano e mais verdadeiro do que o caminho da ciência.

Existirá um antagonismo tão real entre um caminho e o outro? Não foram grandes *cientistas* também grandes *buscadores*? Recomendo a leitura da autobiografia do Dalai Lama do Tibet. Eu a li com carinho e acabei aprendendo bem mais do que imaginei nas primeiras páginas.. Impressiona ver os muitos anos de estudo que um monge tibetano precisa cumprir para tornar-se um líder espiritual. Quantas leituras, quantas aulas, quanta obediência aos mestres, quantas e quantas pesquisas pessoais, quantos exames de aproveitamento, até se chegar ao que seria, entre nós, a uma difícil “defesa de tese”!

E qual foi mesmo o pintor ou o poeta brasileiro que disse isto (ou quase isto): “na arte 10% é inspiração e o resto é transpiração”? Leia-se: estudo, pesquisa, experiência, fazer-e-refazer, quebrar a cabeça, etc.

Uma crítica sempre superficial (com uma leitura apressada, por exemplo, do *Tao da Física*, do Fritjof Capra) tem levado um número grande de pessoas ligadas à causa

ambiental á rejeição dos “velhos paradigmas” . Mas será que todos sabem de uma maneira pessoalmente crítica e esclarecida o que é isto?

Claro, Em princípio esta é uma atitude boa, pois aponta para um desejo de partilhar de todo um processo internacional de busca de novos significados. Mas para ser uma adesão consciente e livre e, não, uma bengala-de-crença, precisa passar pelo estudo. Pois sem ilusões, é ele a semente de uma vivência abertamente pessoal.

Pois o perigo está em que, ao lado da apressada crítica que fazemos – muitas vezes mais individualmente “confessional” e “religiosa” do que “livre” e “científica” – a respeito de alguns modelos científicos de fato dualistas e ultrapassados, venhamos a jogar fora a criança junto com a água da bacia, como se dizia antigamente. Isto é: ao se desqualificar o que parece estar ultrapassado, muitas vezes não se reflete a fundo sobre a questão do lugar da ciência no desenvolvimento do espírito humano. É como se ela própria estivesse ultrapassada: a ciência. Ela e toda a tradição científica do Ocidente, com tudo o que se criou até aqui através da múltipla e ancestral pratica da experimentação e da criação científica de dados e de teorias.

Não nos enganemos. As ciências, todas elas e cada uma delas, sempre estiveram e estão impregnadas de enganos e de armadilhas. Pois elas são uma criação de nós mesmos, seres humanos, nem mais e nem menos. E todas elas carregam o que nós somos. Tal como o que se sabe e se cria em outros planos da imaginação humana, as ciências e a filosofia são um entre outros caminhos humanos essenciais na trajetória do viver, do saber e do partilhar a *Vida* e o *Mundo* entre Nós.

Em suas múltiplas formas, elas ainda são provavelmente um dos meios mais confiáveis de criação de conhecimento e de possibilidade de transformação do saber em sentido, em valor humano e em bem de uso humano. É depois deste conjunto de supostos sobre o valor do conhecimento científico, que é preciso redescobrimos de que maneira podemos transformá-lo, inclusive através de nossa participação no esforço universal pelo advento de novos paradigmas.

Pela descoberta do novo e do renovável, pela intercomunicação e pela partilha cada vez mais universal de outras formas de criar mundos através de descobertas e também de tradições científicas, artísticas, religiosas, espirituais. Novas descobertas e antigas tradições que se associem na compreensão fecunda e diferenciada sobre nós mesmos, sobre o nosso destino, sobre o nosso mundo e sobre o seu destino, isto é: o nosso próprio destino no destino dele.

Novas compreensões e novas sensibilidades, novos sistemas de atar uma coisa na outra: mais holísticos, mais integrados, mais orgânicos, menos dicotômicos, mais

rigorosos e mais poéticos, mais amorosos para com o mundo natural e, por isto mesmo, mais direcionados à paz e à harmonia. Mas claros de luz, não para clarear apenas, porque muita claridade às vezes ofusca e cega, mas tornar o claro, transparente. E, o mais claro, mais transparente ainda.

Pois a ciência, revelada sem os véus dos interesses externos postos sobre ela, é um trabalho humano de uma extrema beleza. Nada nos tem desvelado a nós mesmos como os avanços da Psicologia, da Biologia e da Genética. Ali talvez esteja o *I Ching* das gerações do futuro. Que outro saber partilhado, posto em artigos, em revistas e livros e em cd-rom ao alcance de todos, nas bancas de jornais, nos coloca diante de um Universo inesgotável, como as recentes descobertas da Astronomia, esta rigorosa ciência? Em que universo simbólico de superstições e de desconhecimentos estaríamos metidos se não fossem as suas descobertas do passado e de hoje em dia? Não estará nela a *Astrologia* do futuro?

Somos felizes. Pouco a pouco, com a sabedoria dos caminhos percorridos, vamos recuperando um tempo de novas sínteses. Podemos, de novo, reaprender a pensar com o sentimento e a sentir com a reflexão. Podemos, tal como fizeram sábios de velhos tempos e seguem fazendo alguns sábios dos nossos tempos, associar a música e a matemática, a poesia e a filosofia, o desejo do auto-desenvolvimento e a preocupação solidária com o desenvolvimento autosustentado. A questão ambiental e a questão agrária, a minha alimentação natural e os direitos de todas as pessoas a terem na mesa a mesma qualidade boa comida que eu sonho em minha mesa. Somos felizes. Somos mesmos? Pois falta ainda tanto ...

Podemos outra vez criar formas de conhecimento e programas de ação em que estejam reunidas sensibilidades, significados e imaginários antes próprios aos poetas e aos místicos, com o velho rigor da experiência científica e a necessária paciência crítica do investigador de laboratório. Uma vez mais tudo é interligado. Tudo se entrelaça para criar explicações e compreensões, para nos desafiar a significados e propostas de ação responsável cada vez mais ousadas e mais entretecidas.

E este trabalho de pensar e criar o conhecimento, ao mesmo tempo em que cada vez mais estabelece laços onde antes havia muros e portas fechadas entre um “departamento” do saber e outro, convida a participar dele um número mais e mais amplo e diversificado de pessoas. Ele é o trabalho do pesquisador e do filósofo. Parece ser algo bom para laboratórios, teses e artigos de leitura difícil. Mas é também o trabalho do professor de escola, da educadora ambiental, do gestor ambiental, do guarda-parques, do

físico, do ecólogo, da gravurista, da psicóloga, do músico, do filósofo, do poeta e da mística.

Leonardo Da Vinci chamava a pintura de: “esta ciência”. Saibamos ler com olhos de um bom artista um bom livro de ecologia. Ou do que seja. Pois Não será deixando-a de lado - esta difícil “arte do rigor e da pergunta” - como algo antigo e ultrapassado, que chegaremos a criar as teorias, as demonstrações empíricas e os imaginários de compreensão amorosa de tudo, de todas as coisas e do Todo que as recobre e fertiliza. E, a partir daí, a compreensão ainda mais amorosa a respeito das relações entre a pessoa e a sociedade, e entre ambas e o mundo natural de que, em nossa dimensão, somos parte e elo.

As novas versões mais *holísticas* e mais *transdisciplinares* (e, por isso mesmo, mais transgressoras, também) sobre os mistérios da cultura e da Vida, assim como as novas sínteses da eterna busca da verdade, da beleza e do bem, não devem excluir nada de dimensão alguma de qualquer cenário de procura de respostas às nossas perguntas: nas ciências e na filosofia, nas artes e na mística. Mais ainda, tudo o que se situa nos pontos e através dos pontos de interseção entre as ciências da ciência; entre as ciências e as artes; entre a filosofia e as ciências; entre ela e as tradições espirituais; entre o Oriente e o Ocidente; entre o “popular” e o “erudito” (mas quem pode definir o que é uma coisa e a outra?); entre o pensamento dos indígenas da Amazônia e o dos laboratórios experimentais de São Paulo.

Os desafios de novos paradigmas de pensamento exigem de cada um de nós, como criadores do saber e como educadores ambientais, uma coragem de enfrentar a prática do estudo e da reflexão como uma tarefa verdadeiramente espiritual. Aprender a saber e adquirir o conhecimento aberto pelas ciências não se opõe em nada ao meu crescimento espiritual. Ao contrário, é parte dele e faz a sua parte nele. Esta é a grande experiência transmitida pelos verdadeiros sábios do Ocidente e do Oriente. Cabe a todos nós o esforço por recuperar esta tradição maravilhosa.

Não há música sem matemática e nem liberdade sem filosofia. Existe uma magia que funciona? Ela é a ciência.

O conhecimento fluido, instável, renovador

Acho que vou repetir quase tudo o que disse antes, mas se isto é tão importante assim, que pelo menos eu tente dizer a mesma coisa de uma outra maneira.

Muitas vezes, aqui e ali, um tipo de conhecimento de um campo do pensamento pode ser trazido e aproveitado em um outro campo, aparentemente sem relação próxima com o primeiro. Pois sempre, de algum modo tudo se relaciona com tudo. Por exemplo, devemos aprender a trazer para as nossas idéias e vivências de todos os dias algumas das mais surpreendentes descobertas da física, da química e da biologia.

Pensar o conhecimento que embasa o nosso trabalho de educadores como sistemas de construções ao mesmo tempo: sólidas, interligadas, eternas e instáveis. Confiáveis e efêmeras parcelas de partilhas do saber ... nos vários campos do saber. Lutando consistentemente por adquirir com seriedade e rigor o conhecimento, podemos aprender a desacreditar do saber sistemático como uma aquisição acumulativa e intelectualmente estável, definitiva. Só é fértil o conhecimento que gera a sua própria dúvida, a descoberta que conspira contra a sua própria estabilidade.

Pensar a ciência e a tecnologia, hoje, como as próprias ciências “na fronteira” se pensam a si mesmas em nosso tempo. Como uma lenta, uma múltipla e cada vez mais interligada trama de idéias e de valores sempre em construção. Viver o resultado de nosso estudo como um trabalho de uma aquisição progressiva de *autonomia de processos* e, não, de *acumulação de produtos*.

A ciência vale pelo seu fluido; vale pelo seu fluxo e não pelo seu resto, pelo seu resíduo. Isto, embora toda a tradição científica, mesmo a de um passado muito longínquo, tenha um valor imperecível para a humanidade. Parece contraditório, mas é a pura realidade. E é nisto que ela se diferencia da religião, por exemplo. Pois uma pessoa pode acreditar em um sistema de fé justamente pelo que ele tem de aparentemente perene ao longo de dois, de três, de cinco mil anos.

A ciência não. Ela ao mesmo tempo carrega sempre, e vai deixando ao longo do caminho, o valor e o peso de sua própria tradição. Assim, a “Geometria Euclidiana” continua atual como em seu tempo de criação na Grécia Antiga. Mas dela até aqui, quanta coisa mudou na matemática! O quanto mudou a matemática e quanto mudou em todos os campos das ciências em que a matemática é fundamental!

Vejamos bem. A tradição científica tem o seu valor desde quando ele esteja reincorporado ao fluxo contínuo do trabalho do saber. Toda a filosofia pre-socrática, assim

como a desconhecida e maravilhosa matemática dos primeiros indianos, ou a álgebra ancestral dos árabes, não valem pelo que ficou eternizado delas como “objeto de museu” do pensamento humano. Valem porque as questões que roubaram noites sem dormir entre os seus pensadores, roubam também o nosso sono. Porque as suas perguntas ainda não foram respondidas. Ou foram respondidas para o seu tempo, mas exigem agora novas respostas, para o nosso. Porque, assim, algumas de suas respostas precisam ser perguntadas de novo. Porque tudo o que foi “certeza” e fundamentou “certezas”, continua ao mesmo tempo certo e ultrapassado.

Desde os primeiros tempos da vida de cada um de nós, a vivência de um conhecimento genuíno é muitas vezes experimentada como uma aventura. Se não é assim, assim deveria ser. Grandes cientistas envelhecem formulando as questões que não tiveram a coragem de colocar quando mais jovens. Grandes artistas criam até o momento da morte, e até mesmo a morte delas é vivida como um ato criador.

Ao lado de uma dimensão de competência profissional responsável, devemos apostar em uma *educação* rica de conhecimentos fecundos. De conhecimentos desafiadores, porque originados de nossas próprias perguntas e não só das questões que o “dever de ofício” nos impõe. De conhecimentos livres de uma utilidade imediata, “aplicada”. Isto mesmo, embora não somente isto. De um tipo de conhecimento em princípio inútil ... pelo menos frente a uma tradição que pretende atribuir uma utilidade prática direta para tudo.

Se eu nunca for capaz de me inquietar com o que está além de minha prática militante, política ou profissional, como estas minhas práticas devem ser pobres! Pois a utilidade dinâmica, associada a uma inquietação pessoal de conhecimento e de significação, torna rica e integrada a própria utilidade. Mas uma eficácia prática que começa e acaba em si mesma, dissolve a *sabedoria* no *conhecimento* e o conhecimento na *informação*. Dissolve a descoberta na rotina e a rotina na mediocridade.

Por isso mesmo, ao longo de toda a história do pensamento humano, a parte sempre afinal mais “útil” do saber científico foi gerada das perguntas ilusoriamente menos utilizáveis, no princípio. Foram geradas a partir de estruturas e processos de saber, seja lá o quê, em boa parte não dirigidos a utilidade alguma. Dirigidos a nenhuma utilização imediata, a não a que existe na “fecundação” criadora do desejo interminável de viver o saber como um valor humano em si mesmo.

A utilidade instrumental do saber deve subordinar-se a isto. Deve obedecer a este plano humano de conhecer não pelo “puro prazer” de conhecer, mas para realizar, através do conhecimento, um crescendo irreversível de ampliação de horizontes de sensibilidade

para com tudo, através de uma compreensão sempre maior de cada parte íntima e do Todo deste de tudo.

Todo o conhecimento científico verdadeiro tem uma face voltada para a fertilização de tecnologias que possam aperfeiçoar a qualidade de nossas relações com o Mundo e entre Nós próprios. E tem a outra face voltada para a filosofia. E serve, com a sua parcela efêmera e mutável de saber, ao enriquecimento da qualidade de nossas perguntas, mais do que de nossas próprias respostas.

Sobrevivemos e evoluímos como uma espécie reflexiva de vida, porque não paramos nunca de conquistar respostas às nossas perguntas. E de desconfiar delas adiante, e estabelecer novas perguntas. E nos tornamos mais e mais humanos porque nunca descobrimos como, afinal, cessar de fazer novas e recriar as velhas perguntas a respeito de tudo.

Vocês já pararam para refletir sobre como a simples palavra “*energia*” tornou-se cotidiana e rica entre nós, nos últimos anos? Antes ela era questão para médicos e engenheiros elétricos, para físicos e eletricitas. Mas hoje em dia ela nos atravessa como algo “físico” e múltiplo, pois tanto e tanto sentimos e falamos de uma ou de inúmeras “energias espirituais”. E ela parece vivificadamente presente em tudo, em todos os seres, entre todos os planos. E ela invade todos os planos do saber e toda a sensibilidade com que vivemos cada dia.

Ora, se esta “energia” ampliou tanto o seu lugar entre as nossas respostas (e como ela explica tantas coisas) ela ampliou muito mais o repertório das nossas perguntas. Ela nos atrai pelo pouco de significado que lhe damos. Mas atrai muito mais pelo que guarda de ainda desconhecido. E, em grande medida, ela está ainda tão desconhecida, apenas porque dirigimos a ela, até hoje, uma pequena parte de nossa sensibilidade de compreender.

Uma ainda tímida coragem de partilhar com outros interlocutores, conhecimentos sobre ela e tudo o que os seus sentidos e significados atingem e abraçam. Com outras pessoas de nossos próprios círculos de vida e de trabalho (especialmente quem não concorda conosco nisto ou naquilo). Com estudiosos e militantes de áreas próximas ou distantes da nossa “especialidade”.

Eis-nos ainda agora metidos em uma parcimônia perigosa da ousadia de prosseguir em busca de outros parceiros à procura de novos conhecimentos. De viajar solidariamente com eles as longas viagens ao desconhecido. Os territórios apenas suspeitados onde estão os mistérios de conhecimentos escondidos ... ali, onde parece que eles nem existem.

Incorporar modelos e sistemas cada vez mais integrados, cada vez mais fecundamente energéticos, cada vez mais totalizantemente holísticos a cada campo do saber. Mas tanto na busca de nosso próprio conhecimento quanto no trabalho pedagógico com os nossos alunos, não realizar tudo isto substituindo o *fértil* pelo *festivo*. Isto é, abdicando, em nome do que parece ser mais fácil e interessante, justamente por ser mais “novidade”, de uma atitude muito séria frente ao estudo. A começar pelo estudo do que está em nosso próprio círculo de trabalho e de responsabilidade social.

Tudo importa, tudo conta, porque tudo se integra no fluxo do Ser. E por isto mesmo deve ser integrado no fluxo do saber. Por isso também, buscar, em todos e em cada um de nós, planos cada vez mais entrelaçados e ricamente totalizantes de compreensão de nós mesmos – eu e aqueles com quem reparto o mistério da vida – e a própria Vida que repartimos.

É preciso fazer a educação trazer para dentro de sua experiência - em seu todo e em cada um dos seus campos e planos - as próprias inovações das ciências. Saber, conhecer e compreender não para “adquirir mais conhecimentos” equilibrados e diferenciados, mas para poder ousar criativamente cada vez mais interrelações *de/entre* conhecimentos.

Isto recoloca o valor da filosofia, da física, da matemática e não apenas entre os seus especialistas. Pois todos nós aos poucos vamos sendo envolvidos em círculos de reflexão sobre o Cosmos onde é preciso aprender a pensar como um físico que pensa como um poeta, que sente como um matemático, que imagina como um místico, que pensa como um filósofo. Isto a que se dá o nome de *transdisciplinaridade* não existe apenas como um projeto da UNESCO ou como uma intenção de integração curricular na cabeça de alguns cientistas-educadores. Isto deve estar dentro de nós.

Estamos apenas aprendendo a ensaiar os primeiros passos neste caminho para onde convergiram tantas estradas, vindas de tantas direções! Mas eis que ele já nos desafia como se fosse um rumo sem volta.

Como nada disto está pronto e acabado, e como uma nova atitude não se cria por decreto, teremos que ir aprendendo, passo a passo, a lidar com estas novas visões. Mas, como educadores ambientais - qualquer que seja o lugar e a maneira como vivemos” isto” - desde já é importante irmos ensaiando os primeiros esboços desta prática.

O que hoje em dia, em uma programação escolar, por exemplo, é apenas um esboço de uma maior intercomunicação entre os saberes, um dia será toda uma nova maneira de conviver com os símbolos e os sentimentos, com as descobertas e com as suas aplicações na vida.

Então será possível ensinar matemática em nome da música e da poesia. Ensinar física e química, biologia e outras ciências, como fundamentos de mergulhos no mistério. Não ensinar para, mas aprender a ensinar entre. Se eu soubesse que os fundamentos da música e da matemática são os mesmos, talvez eu não tivesse sido um aluno tão ruim em matemática ... e em música.

Nenhuma ciência, assim como nenhum outro conhecimento, tem o seu mais importante valor nela mesma: *ciência*. Nele mesmo: *conhecimento*. Mas em algo além dela e para além dele. Em *pontos de convergência* (pontos de mutação?). Já falei sobre isto, mas não custa lembrar. Este é um sentido fecundo para a idéia de *transdisciplinaridade*. Este é também um reconhecimento do sentido ocioso, inútil mesmo, que às vezes se reclama para amplas e generosas dimensões do conhecimento.

Ele vale pelo que entretece. Vale pelo como entenece: cria laços, planta, colhe, fia, ting e tece as teias do espírito. Vale por aquilo em que me enreda. Pelo até onde me leva, como um espírito pensante cheio de sensibilidade. Ousadamente sempre incompleto, sempre instável. Sempre *em busca de*. Sempre *para além de*. A ciência? Ela é um frágil, previsível e inesperado grande vôo sem fim, embora sempre com um rumo.

Auto-consciência e consciência crítica

Eu não sei exatamente em que parte de que poema, T. S. Eliot pergunta o seguinte: “o que é que o conhecimento perde com a informação? O que é que a consciência perde com o conhecimento?” Claro, há um valor incluído nestas perguntas. A *informação* deve servir ao *conhecimento* como a bússola serve ao barco que ela ajuda a guiar. E o *conhecimento* serve à *consciência*, como o rumo do barco serve ao sonho de quem o navega. E a quê, a quem, amigas e amigos, serve o sonho?

Nos meus tempos de estudante, tempos de viver entre grupos a militância em torno à ação política através da *cultura popular* e da *educação popular* (era o comecinho dos anos 60), as idéias de *consciência* e de *conscientização* tinham um valor nem sempre muito claro, mas sempre muito definido. Tinham um significado muito forte, ainda que de um grupo de jovens educadores para outro pudessem haver divergências de ideologia e de prática. Propostas de trabalho de *educação popular* eram partilhadas em nossos “*movimentos de cultura popular*” em nome de um horizonte de criação de uma outra sociedade. De um mundo livre, justo e igualitário, de cuja utopia partilhamos tantos, e cujos atributos creio que são até hoje conhecidos de todos nós.

Tantos anos depois (mas, como se mede o tempo?) é necessário voltar a nossa atenção à *questão da consciência*. Claro, os tempos são outros, mas os grandes desafios humanos daqueles anos permanecem aí, à nossa frente. Voltar a pensar a *consciência* como um lugar de realização pessoal e partilhada do *conhecimento*. Voltar a palavras como: *consciência crítica* e *conscientização* sem perder o que há de original nelas, mas sabendo, também, criar para elas valores de pensamento e de ação solidária que valham para os dias de agora.

Por exemplo, como associar a idéia aparentemente “exterior” de *consciência crítica da realidade* (a que Paulo Freire nunca deixou de dar um sentido ativamente político) às maneiras como desejamos viver hoje experiências pessoais de uma *autoconsciência*? Uma palavra que em muitos de nós sugere um processo que salta do meu-eu ao todo-do-cosmos, sem passar pela casa do meu vizinho e sem querer sequer ler nos jornais o que se passa com os “sem-terra”, pois isto atrapalha o desenvolvimento de minha busca de iluminação.

Se as idéias contidas na palavra *autoconsciência*, como relação crescente e profunda de si-mesmo através do *auto-conhecimento*, do *auto-discernimento* pelo caminho da meditação e da busca interior de um sentido da vida, têm sido tão caras e tão desejadas hoje em dia, é bastante importante não esquecer a sua outra face: a *consciência crítica do mundo*. O conhecimento desvelador das realidades com que nos defrontamos. De repente eu lembrei de uma frase zen, que diz que o lugar mais escuro de uma sala clareada por um lampião é embaixo da luz. Gandhi, para quem a oração e a vivência de Deus eram o começo e o fim de todos os gestos, era também um atento homem crítico de seu mundo.

Vejamos, o conhecimento adquirido com o estudo, com a meditação pessoal, com o diálogo com o outro, somente tem valor na medida em que ele chega a ser forjador de uma experiência acumulada, cada vez mais integradamente desveladora dos mistérios da realidade em que nós nos movemos todos os dias. A “realidade”? Ela é o mundo natural como ele é, aí fora, e em nós, e o mundo intersubjetivo da vida real, da convivência socialmente quotidiana em todos os seus planos, com tudo o que ela tem de claro e de escuro, de bem e de mal.

Um conhecimento profundo, um saber adquirido de uma forma tal que se torna uma espécie de pequena iluminação interior, tende a ser uma vivência pessoal cada vez mais completa da *consciência-de-si-mesmo*. Pois ele trás sentidos e contribui ao apagamento do *ego ilusório* em nome de um *eu comungante* com tudo e todos. Uma expansão contínua da *consciência* sobre o sentido generoso de nosso compromisso de partilha na

relação entre as pessoas. Ele amplia a consciência crítica e criativa do lugar de cada um de nós no trabalho de construção do mundo em que vivemos agora, e dos tipos de mundos e sociedades que sonhamos e devemos criar. Ele cria e torna sábia a consciência, enfim, de tudo o que nos vincula e nos torna irmãos da Vida e de toda a infinita Ordem Cósmica.

É estranho encontrarmos pessoas que se consideram em um pleno trabalho de “expansão da autoconsciência”, e que quanto mais se sentem “avançando neste caminho” menos se reconhecem motivadas a pensar de uma maneira responsabilmente crítica a questão agrária, por exemplo, assim como as outras dimensões da justiça social. Pessoas cujas idéias e ações como um educador ambiental, limitam-se à preocupação em motivar crianças para o cuidado do meio ambiente mais próximo (o que sempre é um bem), sem estenderem isto a um diálogo sobre que tipos de relacionamentos entre as pessoas e, entre elas e a natureza, estão aí gerando a degradação da água e a exclusão de milhões de pessoas atiradas a cada dia nos guetos da vida, sem água limpa e sem pão na mesa.

Se o meu “amor pelo cosmos” não abrigar o meu “amor pelo outro”, ele pode não ser mais do que uma forma ingênua ou fugidamente maldosa de ilusão de mim-mesmo. Ou será que o meu compromisso com a paz não começa pela questão da justiça e dos direitos humanos das pessoas à minha volta?

“Pensar globalmente, agir localmente” é uma sábia sugestão que não se aplica apenas à preservação da minha rua ou da Floresta Amazônica. Ela se aplica também a toda a vivência política e social que trabalhe por instaurar o primado da justiça e da solidariedade.

Ao mesmo tempo em que uma educação para a felicidade deve conspirar contra a concorrência, contra a competição e contra o primado dos “melhores”, medidos milimetricamente em tabelas de “ranking”, ela deve realizar uma outra coisa. Deve servir a identificar a realização pessoal através da conquista do saber com uma capacidade de sintonia com o outro. Com os meus próximos e com todas as pessoas, quem quer que sejam. Deve estabelecer uma crescente capacidade de sentir, como meus, os problemas de todas as pessoas, de todos os povos.

Em um país como o Brasil, a luta dos *sem-terra* é uma parte essencial da *questão do meio ambiente*. O que acontece entre os seringueiros, índios e empresa madeireiras no Acre, está muito longe do meu campo de trabalho direto. Mas tudo o que acontece “lá” envolve todo o meu trabalho.

Como alguém pode se sentir irmanado com a energia das estrelas, e ser indiferente às famílias que debaixo delas caminham em busca do destino dentro de noites de fome e de desamparo ?

Insisto aqui num ponto tocado logo acima. É urgente voltarmos à coragem de imaginar que todo o saber separado de uma amorosa consciência do outro é uma experiência perdida. Nem sempre é fácil dizer a palavra *amor* em uma reflexão sobre o *conhecimento* e o *trabalho* do educador ambiental. Mas que outra palavra é tão essencial como ela: “amor”? Pois todo o valor do aprender-e-ensinar está dentro disto: dirigir ao amor, criar o amor, preservar o amor. Estabelecer laços afetivos entre todos os seres da vida e do mundo.

Algumas pessoas entendem que a *educação ambiental* é uma espécie de trabalho setorial dentro de uma coisa mais ampla, como: a *educação para a paz*. Eu concordo. Mas também não seria ingenuidade alguma dizer que todo um projeto de *educação ambiental* é um caminho de sensibilidade e reflexão em busca do amor. Em busca de descobrir e propor idéias e valores, sentimentos e disposições de relacionamentos entre nós, humanos, e entre nós e toda a Vida, fundados na responsabilidade do Amor. A *educação ambiental* é a aposta em uma ética profundamente afetiva, carregada de ternura e desejo de harmonia para com todos e tudo. E ela só ensina a limpar o rio do lixo quando ensinou antes, ou ao mesmo tempo, a limpar a alma do desamor.

E deve ser em nome de um trabalho de criação partilhada de conhecimentos, que podemos dizer que toda a aquisição de saber que não me abre o coração ao outro é um engano lógico e afetivo.

Todo o *auto-desenvolvimento* fruto do estudo e da reflexão, que não me torna mais amorosamente co-responsável, que não me faz ao mesmo tempo mais racionalmente crítico e mais afetosamente sensível ao sofrimento e á injustiça, é uma forma de *conhecimento* separado da *sabedoria*.

É uma teoria que explica, vazia da sensibilidade que compreende. Pois é uma modalidade de entendimento da racionalidade exterior do mundo e de si-mesmo, distanciada do sentimento amoroso através da qual o objeto do conhecimento - eu, o outro, a vida e o mundo, isto é, a mesma coisa com múltiplos rostos - torna-se um compromisso consciente com o destino dos sujeitos e das relações reais do que foi ou está sendo conhecido.

Porque a verdadeira sensibilidade não é outra coisa mais do que a compreensão de si-mesmo e do mundo, através do crescimento em mim do amor-do-outro e pelo outro. Quando ouço alguém falar em *autoconsciência*, isto tem para mim, às vezes, um sentido

de valor exclusivamente pessoal. E eu quero opor aqui a palavra “pessoal” (que sugere a *pessoa* como um eu aberto ao outro) à palavra “individual” (que sugere um *ego* fechado em si-mesmo.) Pois é difícil compreender como uma pessoa que se descobre mais e mais, não vive isto em uma crescente comunhão com os seus outros. Em comunhão com os *seus outros*, que são, talvez, uma face mais verdadeira dela mesma do que os *seus outros eus*.

Quando falamos - e se fala muito isto entre nós - em comunhão com o Mundo, com o Cosmos, com a Vida, isto deveria significar um profundo sentimento de compromisso fraterno para com todos os seres vivos. Uma co-responsabilidade bastante concreta, vivida a cada dia. Uma participação pessoal nos destinos da Vida e do Mundo, constantemente auto-avaliada segundo os seus valores éticos e os seus desejos de fundarem na pessoa que se descobre co-responsável, os atos dirigidos de dentro de si-mesmo para fora-de-si (no bom sentido da palavra) em direção a cada uma e para todas as pessoas de nosso mundo cotidiano.

No item anterior eu falava sobre como um audacioso conhecimento de qualquer domínio do saber há de ser hoje em dia instável. Há de ser fluido e, como um bom rio de água claras, sábio o bastante para nunca se deixar prender nos limites de suas próprias margens. Um saber que se busca sempre, sem nunca acabar de saber-se a si mesmo. Humilde o bastante para reconhecer-se como uma partícula em formação de todo um fluxo de auto-reconhecimento da Vida e do Espírito em cada um de nós.

Por isto mesmo, um saber e um valor-do-saber inteligentes e criativamente inesgotáveis, mesmo quando imperfeitos, a cada passo. Um saber, portanto, aberto a novos dados e aberto a novos feixes de significados. Pronto a sair de uma pura racionalidade intelectual para mesclar-se com a totalidade do ser de cada um de nós. Um saber que se emociona, que se toca de afeto, e que nos emociona com o que descobre e sugere mais adiante. Pois sempre haverá um “mais adiante”, quando pensado em suas fronteiras com outras formas desconhecimento, de crença e de valor.

Um saber sempre aberto *transdisciplinariamente* a novos olhares e a novos diálogos com outras pessoas. Com a diferença entre as suas verdades e as minhas; o seu processo de auto-conhecimento e conhecimento-de, o seu projeto de lembrança do passado e de construção do futuro, e o meu, os meus. Um saber fecundante, por estar posto em diálogo permanentemente. Em um diálogo capaz de ser profundamente pessoal, do ponto de vista de cada um de nós, justamente por estar voltado ao exercício da procura do que é comum em todos nós, através do que cada um tem de diferença com os outros: com os próximos, com os convergentes, com os diferentes, com os divergentes.

Mas este conhecimento, ele deve estar impregnado da capacidade crescente de ser também sensível ao sofrimento e à desgraça. Todo o conhecimento mais profundo a respeito de meu próprio eu me torna francamente mais solidário com os que sofrem a injustiça e a exclusão. É preciso dizer isto e repetir isto até à exaustão. Todo o enlace entre a *sensibilidade-e-a-consciência* (duas dimensões de uma mesma coisa) que me torna mais irmanado ao todo do Cosmos, aspira ser um feixe íntimo de sentimentos, de pensamentos, de valores e de gestos. De tudo o que em nós, educadores, enlace os atributos dos valores humanos em uma educação dirigida à salvaguarda do meio ambiente e à paz entre todos.

No meio do caminho do desejo de abraçar holisticamente “tudo e todos do Todo de que me sinto parte”, a *consciência crítica* de minha sensibilidade sobre o saber-que-é-meu, partilha com os meus outros a minha responsabilidade para com o meu próximo. E é através desta adesão amorosa que a aspiração de totalidades holísticas torna-se uma realidade vivida. O que pode haver de mais fantasiosamente vazio do que um desejo de partilhar do Todo do mistério da Vida, quando não se está participando da corrente de trabalhos cotidiano destinado ao compromisso do educador em nome dos *direitos humanos* e dos *direitos da vida*.

O *conhecimento consciente* é uma volta à inocência (ser como a criança) e é também uma defesa contra a inocência, quando ela infantiliza um ser que deve buscar o seu desenvolvimento em uma maturidade auto-centrada no amor e vivenciada como uma adesão à co-responsabilidade. Algo como passar da *individualização* da criança egoica para a *individuação* de um eu-pessoal aberto ao outro.

Eu só posso conhecer de verdade aquilo que eu posso amar em meu mundo concreto e na minha vida quotidiana. Eu só posso viver um amor criador quando ele é dirigido àquilo que me transforma (como Deus, como a Vida ou como uma outra Pessoa) e é dirigido também àquilo que eu posso transformar (como a Vida, uma outra Pessoa ... e Deus?). Enfim, aquilo e aqueles de cuja transformação necessária eu me disponho a participar, sempre que aqueles (incluído “eu”) ou aquilo que eu amo não estão sendo como a minha consciência, partilhada com a dos meus companheiros de vocação, me diz que deveriam ser.

Devo voltar a um ponto já escrito aqui, mas com outras palavras que o tornem mais compreensivo. Há uma diferença entre *informação* e *conhecimento*, assim como há uma diferença de complementaridade entre *conhecimento* e *consciência*. Isto é o mesmo que dizer que existe uma diferença entre o *saber* que me faz *conhecedor de*, sem me *transformar em*, e a *sabedoria*, que mesmo sem precisar ser letrada e necessariamente

intelectual e científica, me transforma em algo melhor. E ela me transforma porque eu já não posso ser a mesma pessoa depois conhecer coincidentemente o que acabei de saber.

Viver e reviver o momento da objetividade, estar sempre no estado nascente de objetivação, é coisa que exige um esforço constante de dessubjetivação. Alegria suprema de oscilar entre a extroversão e a introversão, na mente liberada psicanaliticamente das duas escravidões – a do sujeito e a do objeto! – Uma descoberta objetiva é logo uma retificação subjetiva. Se o objeto me instrui, ele me modifica. Do objeto, como principal lucro, exijo uma modificação espiritual.

Isto é, de novo, de Gaston Bachelard. Ele está falando da ciência e a cientistas (ou a todos os que acreditem nas ciências, como um caminho múltiplo entre os múltiplos caminhos das descobertas humanas). E ele não diz menos do que isto: o que eu descubro, só é verdadeiro, se me transforma interiormente. A função do conhecimento objetivo é recriar a minha mais profunda subjetividade.

A criatividade solidária

Nos últimos anos ganhamos muito ao estabelecer a *criatividade* como um princípio nuclear do *processo de aprendizagem*.

Em boa medida isto aconteceu como uma reação frente ao muito que se perdeu por causa de uma educação cada vez mais submetida ao poder da expansão de projetos pedagógicos interesseiramente instrumentais e cada vez menos orientados à comunicação entre as pessoas.

Em campos importantes da educação, desde os primeiros anos de vida escolar de uma criança, aqui e ali a própria idéia de *criatividade* tendeu a ser associada a uma espécie de artifício do ensino, regido pôr um valor de competição. Submetido ao crescimento da idéia de que uma concorrência permanente com os outros é o motor da motivação pessoal e do desenvolvimento social. Isto é muito visível em todas as propostas de educação em que a chave do trabalho promete abrir as portas da única coisa que importa: o sucesso.

Vejam bem. Não o crescimento pessoal, avaliado pelo auto-discernimento e vivenciado em comunhão com os outros, com a vida e com o mundo. Mas uma medida exterior e competitiva de desenvolvimento individual comparado com os que já ficaram “abaixo” e os que ainda estão “acima de mim”.

Ser criativo acaba sendo: “ser mais criativo do que os outros”. Assim, o sentido da *vivência da criatividade pessoal*, tende a ser experimentado não tanto como a constante *superação de si-mesmo*, na pessoa criadora em todos os planos da vida, mas como algo que só vale enquanto um “valor de ranking”.

A minha sugestão vai no sentido de procurarmos submeter a *criatividade à partilha*, direcionando a criação individual e competitiva (porque de alguma maneira ela é humanamente inevitável) a um sentimento de desejo de criar-partilhando, de co-criar. Um desejo de viver o gesto criativo junto com os outros e, cada vez mais, para os outros. Para vivenciar a alegria da comunicação com as outras pessoas e com outros seres de nosso mundo.

Estou querendo chamar a atenção aqui sobre como é necessário em todo o trabalho pedagógico o prestarmos a atenção a uma perigosa associação entre a *criatividade* e a *competição*, sem outro propósito além da própria concorrência entre pessoas ou entre equipes de pessoas. Pois a *diferença* estabelece os ritos da comunicação, sem a necessidade da hierarquia medida pelos resultados dos feitos, sob a forma de produtos. Algo como: “qual o valor de mercado para o que eu acabo de fazer?” Enquanto a *desigualdade* alimenta-se dos jogos de poder medidos pelo valor-de-produto de uns sobre os outros. De uns contra os outros.

Uma pedagogia perversa, regida pela realização pessoal medida como valor-de-sucesso parece estar fundada sobre uma proposta do tipo: “crie, para ser o melhor”. Ela faz parte de um avanço de critérios de medida de aquisição do conhecimento e da habilidade, por meio dos quais os princípios individualistas de interesse de realização de si-mesmo como um bom “produto de mercado”.

Mas a *educação ambiental* é uma conspiração pacífica e fecunda contra justamente isto. Contra tudo o que conspira contra o processo criativo da comunicação entre as pessoas, em favor da competição utilitária entre os educandos, cada vez mais pensados como produtos para um mercado.

Devemos descobrir e aperfeiçoar paradigmas e experiências de educação - para nós próprios em nossa contínua formação, e para os nossos alunos, educadores-educandos, quaisquer que eles sejam - que venham a instituir princípios e modelos de diálogo. Alternativas de intercâmbio amoroso e mesmo de co-dependência no *ato de criar*. No exato momento de viver a criatividade como educação, transformado em um momento ativo e afetivamente intersubjetivo do próprio processo do gesto de aprender.

Se o sentido da educação é criar redes fluidas de *processos de saber*, de um ponto de vista de uma sociologia e de uma psicopedagogia *dialógica do aprender*, então boa

parte de sua razão de ser estaria na criação de redes de co-criadores do próprio saber. Redes cada vez mais amplas de pessoas ativas e solidariamente criadoras, através de práticas de partilha em todos os processos de criação e aquisição de conhecimento, dentro e fora do âmbito da escola.

Retomar o sentido da *equipe de criadores*, onde todos e cada um têm o seu lugar. Um lugar único, o de cada um, um lugar ao mesmo tempo múltiplo, diferenciado, onde o fazer de cada qual estaria entrelaçado com o de todos os outros. Uma harmoniosa equipe de teatro há de ser o melhor modelo do que estou sugerindo. Respeitando a individualidade criadora de cada um, retornar o desejo da criação dentro da equipe. Através dela. A “genialidade individual” deveria ser re-mensurada pelo caminho do aumento da capacidade pessoal de desejar a partilha. De sonhar a experiência prazerosa do conviver e do aprender a criar convivendo.

Atenção! Isto nada tem a ver com uma atitude ingênua que conspira contra pessoas que desde a infância demonstram um carisma especial para algum campo de experiência criadora. O que eu estou defendendo aqui é um deslocamento do sentido do desejo desta experiência criadora. Vivemos um tempo marcado por um sentido de competição desvairada. Do “tipo de leite” às “categorias de pessoas”, tudo é desgraçadamente classificado. Bebemos (quando alguém bebe) leite “tipo A”, “B” ou “C”, sendo o “A” especial e, os outros, comuns. Mas nas pesquisas das revistas e dos jornais, somos também pessoas de classes: “A”, “B”, “C” e “D”.

Tudo o que fazemos, depressa ganha um valor comercial segundo uma posição, confessada ou não, preestabelecida em tabelas de comparação, onde tudo o que somos, criamos ou sentimos vale sempre em comparação com os outros. Vale pela posição que ocupamos em cada dimensão de nós mesmos, em uma perversa tabela de redução de *pessoas a feitos individuais*, de *feitos individuais em valores comparados*, de *valores comparados em números classificatórios*. De *números classificatórios em ... até onde?*

O primado do diálogo

Existe um absoluto na educação? Sim. O *diálogo*.

Pensá-lo nunca como algo instrumental, como um meio para se chegar a algo, pedagógico ou humanamente. Pois o diálogo não é um método e não é uma estratégia. Ele é uma *finalidade*.

Ele é aquilo que nos conduz a algo, porque é o destino de todos os caminhos. “Paz”, “amor”, “harmonia”, são os nomes que a experiência do diálogo fecundo entre nós e entre nós e todos os círculos dos seres da Vida tomam para significar os seus vários matizes.

Assim, entre nós, educadores, o diálogo é um *princípio* de valor não pode ser reduzido a um *meio* de atuação, pois ele é o próprio sentido do trabalho da educação. Se o *sentido do conhecer* é gerar e ampliar feixes pessoais de criação do saber, o *valor da educação* está no criar eixos e redes de sujeitos abertos ao diálogo. De pessoas convertidas a passarem, cada vez mais, do valor-utilidade para o valor-comunicação. A comunicação desinteressada com o outro; a partilha cotidiana da experiência da vida; a interdependência assumida entre todos nós .

Sozinho o meu nome é *ninguém*, mas com os outros ele pode ser até *Deus*. Estabelecer um sentido crescente de interação afetuosa na intercomunicação cujo fim está nela mesma e não no servir a algo situado utilitária e egoicamente fora dela. Fora do *ritual do encontro* com o meu outro , que é o momento e o evento em que ele e eu recuperamos um pleno sentido pleno de Vida.

Ensinar e aprender a conviver com os outros, entre todos nós, em todos os campos e planos da vida, eis o sentido e o valor da educação ... e da própria vida.

Alguém disse: “não há caminho para a paz. a paz é o caminho”; Devemos fazer uma boa paráfrase: “não há caminho para o diálogo, o diálogo é o caminho”. Inclusive o caminho da paz.

A solidariedade envolvente e participativa

Betinho morreu na semana em que eu comecei a escrever estas idéias. Que agora elas façam justiça à sua memória e sejam inspiradas por ele também.

Trabalhando com programas de *educação ambiental*, não seria agora a hora de pensarmos juntos uma avaliação profunda do significado do que seja, propriamente: “uma pessoa educada?”

Pergunto isto porque na verdade quase todos nós, educadores, nos vemos mergulhados em propostas e em anúncios (como eles invadem a TV e os out-doors nos meses antes de cada ano letivo!) centrados na realização individual e egoísta do estudante. Centrados - ao vivo e a cores - na capacidade individual para o aluno produzir bons resultados dirigidos ao mercado de trabalho e cada vez mais desumanamente medidos segundo os seus critérios. Qual o verdadeiro lugar da idéia de “qualidade total” aí?

Ora, sabemos que existem outros critérios de avaliação do valor-educação e também de atribuição de identidades pessoais através dos proveitos individuais da educação. Até aqui lembrei alguns deles.

A capacidade pessoal de sentir-se parte de um mundo de outros e de envolver-se em grupos, em equipes, em associações, cujo sentido está em alguma forma de presença e de participação. Cujo valor interiorizado, está em um realista “sair de si” e dar-se aos outros. Este deveria ser o critério mais decisivo, mais essencial mesmo na aferição da aprendizagem. Acabamos de ver isto no item anterior.

Não estou sugerindo aqui apenas uma vaga e abstrata vontade de “unir-se ao todo e ser um com tudo”. Estou falando do caminho até esta realização através de um engajamento pessoal com o difícil roteiro que nos haverá de levar - todos ou ninguém - até uma plenitude de vida.

Estou propondo um envolvimento persistente em cenários de compartilhar o reconhecimento crítico dos problemas e das formas de participação nos enferrujamentos em nome da justiça, e a distribuição eqüitativa da felicidade todos.

Parecem palavras do tipo: “eu já vi este filme”, e devem ser mesmo. Mas é que existem palavras que transportam idéias perenes. E quando o que elas querem dizer começa a ser esquecido, ou começa a ser sepultado por outras palavras, então é o momento de voltar a elas. De recriá-las em cada tempo.

A tolerância ampliada

Todo o tempo estou sugerindo aqui uma educação dirigida à responsabilidade, em todos nós, dirigido a aportarmos a nossa parte de educadores a todo um processo de redução e, se possível, de destruição das *desigualdades* econômicas, políticas e sociais em todos os planos e lugares, ao mesmo tempo em que ele instaure o primado do direito à *diferença*.

Não se trata de apenas “tolerar” o outro, o diferente. Neste sentido a própria palavra “tolerância” é muito pobre. Trata-se de sonhar um mundo humano regido pela multiplicação de *diferentes* e de *diferenças*. Logo, um mundo regido pelo direito a sermos e nos mantermos *sujeitos diferentes* naquilo em que somos livres para escolher, para podermos ser, então, iguais e igualados naquilo em que temos, todos, o direito de ser e de aspirar ser.

Devemos estar atentos a incentivar valores dirigidos a ver no *outro*, o *diferente*, a própria possibilidade de que a riqueza plena da experiência da Vida se manifeste em plenitude no ser humano.

Acaso vamos a um Jardim Botânico apenas para ver a única flor de uma única árvore, por mais bela que seja? Vamos para conviver com a maravilha da diferença da Vida, traduzida na diversidade das formas vivas: plantas e animais. Com mais razões entre nós. Todas as diferenças pessoais (inclusive as que caracterizam os “minusválidos”) e todas as diferenças culturais, deveriam ser vivenciados como formas de expressão, em nós, da fertilidade de experiências e variações da própria vida.

Reconhecer-me no outro. Encontrar a minha identidade no ser diferente de mim mesmo. Nem menos e nem mais: apenas diferente.

A simplicidade voluntária

Numa tarde de calor como a de hoje, uma boa bebida gelada é uma delícia não porque é boa apenas, ou porque está “no ponto”. Ela faz bem porque eu a bebo entre outros, com outros. Nada mais triste do que uma garrafa de cerveja bebida solitariamente. A alegria de uma boa mesa é a partilha de uma boa conversa. Eu acho bom o gosto do meu prato, quando sinto no ar de alegria de quem está ao meu lado o seu prazer de estar comendo, ali, comigo. O ar do prazer, que é meu também, de dividir comigo uma comida tão gostosa. Isto é o que transforma o ato de se alimentar no ritual do comer.

Já que comecei falando aqui sobre a comida, quero lembrar uma coisa tão sabida entre todos nós. O que existe para ser consumido cada vez dá menos para os tantos que somos e seremos na superfície da Biosfera do Planeta. Para cada um de nós que ainda come o que quer duas, três ou quatro vezes por dia, existe um número grande de mulheres e de homens que comem o que encontram entre sobras ... quando comem.

Somos todos responsáveis pelo que existe. Somos responsáveis, todos, pelo que nós colhemos e pelo que os outros colhem. Somos co-responsáveis pela maneira desigual como os bens da terra e da Terra estão sendo repartidos entre as pessoas e entre os povos. Somos responsáveis pelo que restará nesta *casa-nave-,mãe*, para os que virão depois de nós. Pois os que ainda nem nasceram já são nossos irmãos. Cada vez mais, ao pensar os fundamentos de uma *educação ambiental*, eu penso os termos de uma *educação para uma vida simples*. Isto mesmo.

Uma educação para uma crescente e assumida *simplicidade voluntária*, entre os de nossa geração e entre os das gerações com quem estamos trabalhando como

educadores. Uma educação que consolide imagens e valores que ajudem a fundamentar o desejo de as crianças e os adultos não apenas se resguardarem do consumismo, mas de irem mesmo muito além disto. De assumirem voluntariamente uma vocação de pensar o “meu consumo” em função da partilha dos bens disponíveis agora e em provável disponibilidade no futuro.

Estabelecer na *simplicidade voluntária* uma autêntica ética de ativa co-responsabilidade pelos destinos da Terra e pela felicidade presente e futura das pessoas humanas e de todos os outros seres vivos.

Pensar uma educação que conspire de todos os modos contra a *privacidade*. Pois, de saída, ela em nada se confunde com a *personalidade*. Eis a que nos convoco a todos nós. A participarmos da luta coletiva contra a perversão do “*privê*”.

Caminhos? Colocar as coisas e, cada vez mais, os tempos em comum. Aprender a partilhar as idéias, a colocar os bens a serviços dos outros. A emprestar o que é “meu” para vê-lo sendo vivido na alegria do outro. A criar redes cada vez mais envolventes de pessoas dispostas a conviver e a emprestar, a trocar e a dar. A fazer com que tudo o que é bom, seja um bem por estar sempre em circulação.

O compromisso com a paz

Estabelecer como valor da educação o envolvimento de cada pessoa com a esperança de *construção da paz*. Desestimular todo o valor em educação centrado sobre a conquista, a primazia do “meu povo” sobre “o seu”. Desqualificar o sentido de “Pátria” etc, em nome da construção de novos sentidos de “humanidade”, de “vida”, e assim por diante.

Esquecer os velhos heróis de minha Pátria (nem todos) em nome dos anônimos irmãos de meu povo. De minha gente. Dos que, como eu, como nós, aspiram um tempo de pessoas livres e felizes, quaisquer que elas sejam. Qualquer que sejam a sua língua, a cor e a crença.

O valor vida

Não somos o que somos porque somos “sociais” ou “racionais”. Se algo em nós vale o tamanho da Vida e nos permite sonhar sermos, pessoalmente e no todo da humanidade, a fração reflexiva de todo o Cosmos, é porque partilhamos com todos os outros seres vivos o mesmo mistério: *a Vida*.

Para muitos de nós esta maravilhosa descoberta que amplia de uma maneira inimaginável o próprio sentido do *estarmos aqui no Mundo*, surge como algo dado. É como se fosse um descobrir de alguma coisa que, de um dia para o outro, nos redimensiona definitivamente. “Eu já não me sinto mais o pequenino ser social, frágil e limitado, destinado a uma existência medíocre entre a fila do ônibus e a do correio, e condenado a uma morte pessoal que necessita o consolo de uma crença em minha própria egoísta imortalidade para me salvar do desespero. Ao contrário, eu aprendi a me sentir parte de um *Universo Vivo* de que eu sou uma presença inseparável e eterna”.

Um sentimento-de-si-mesmo traduzido mais ou menos com palavras como as das linhas acima, pode e deve ser um verdadeiro fundamento das crenças pessoais e solidárias de todos nós. Esta é uma aproximação a uma busca de verdade que todos nós estamos construindo juntos. E, se muitas coisas nos irmanavam antes, esta consciência lógica e afetiva de uma tal dimensão de *pertencimento* deve nos irmanar ainda mais.

Mas “tudo isto” não é uma “coisa”. Não é uma crença no sentido de si-mesmo e de-todas-as-coisas, em que se entra e se a encontra pronta e acabada. Bem ao contrário. Todo este desvelar é uma construção. É um penoso caminho de partilha e de diálogo com tudo ... entre todos. E é também um trabalho da sensibilidade, da consciência e dos gestos de todos os dias. Volto a falar sobre a *paz*. Que ela seja uma boa metáfora!

Certa vez, ao fazer uma pequena palestra a um grupo de jovens croatas (eles viviam o auge da guerra em sua nação), italianos (os nossos hospedeiros em Rovereto, no caminho dos Alpes) e brasileiros (convidados para irem participar de um diálogo de um mês em uma Universidade para a Paz), eu espantei algumas pessoas ao dizer duas coisas a respeito exatamente da **Paz**. Até hoje estou convencido de que não eram idéias tão absurdas assim, e até agora eu as tomo como um bom ponto de partida.

Primeiro. A crença pessoal de que a *Paz* poderá vir-a-ser, mas não é ainda uma idéia universal. Isto é, ela não pode ser tomada como uma espécie de conceito ou de valor único, universal, clara e definitivamente estabelecido. Somos muitos povos, muitas culturas, muitas maneiras de ser, de sentir, de pensar e de criar valores. Uma *Organização das Nações Unidas*, assim como uma religião ou mesmo uma Ong de Educação para a Paz, podem pretender estabelecer uma idéia universal de *Paz*. Da *Paz*. Podem e devem, pois, afinal, esta é a sua missão.

Mas desde que reconheçam que a *Paz*, tomada como um valor, como uma busca e como uma realização universal de toda a Humanidade, está sendo pensada e vivida de maneiras muito diferentes. De maneiras até divergentes no seio de povos diferentes, e diferentes até no que toca valores essenciais de cultura.

Não se decreta um *sentido-de-Paz* por escrito. Ela é uma lenta, uma difícil partilha que nasce também, como tudo o mais, da aproximação e da progressiva integração de nossas diferenças.

Será que os grandes pensadores da *Paz* já se preocuparam em saber como a vivem e pensam os Esquimós do Ártico, os Tuaregues do Deserto do Saara ou os Tapirapé das beiras de nossa Amazônia? Será que já pensaram em fazer isto, não como problema etnográfico de uma boa “tese de Antropologia Social”, mas como uma pergunta dirigida a todos os povos do Planeta? Ou será que sempre somente importou o que pensam a respeito: a nossa Bíblia, o Iluminismo Ocidental e as decisões de nossos fóruns internacionais, sempre muito limitadamente universais?

Segundo. A própria *Paz* é uma construção humana. Aqui as duas idéias se irmanam. Pois da mesma maneira como podemos entender a *Paz* como uma partilha de sentimentos, de idéias e de gestos culturalmente diferentes, que se aproximam e devem tender a um grande valor universalmente compartilhado, assim também devemos compreendê-la como um *valor-de-sentido em construção*. Algo que sequer fazia parte do dicionário de muitas línguas, e que pouco a pouco vamos procurando desvelar e estabelecer em nós (ver toda a vida e todos os gestos de Gandhi) e entre todos nós.

Ao nos dizermos e ao dizermos aos nossos alunos, que somos todos responsáveis pela *Paz* - esta frágil flor, efêmera e eterna - devemos estar pensando que somos todos responsáveis não por alguma coisa que “está pronta” e espera a nossa adesão, dentro de uma pobre visão imobilista. Mas que somos todos, cada um a seu modo e em seu plano de trocas-com-a-Vida, responsáveis pela construção de um valor e de um horizonte inacabados. Ele se chama: *Paz*.

Vocês se lembram? “*Não há caminho para a Paz. A Paz é o caminho*” (quem disse isto? Quando e onde?). Mas a *Paz* não é nem mesmo um caminho pronto e estendido à espera de quem queira segui-lo. Ela é um caminho que a cada momento só chega ao lugar onde estamos. Pois é a direção do caminho que nós devemos estar todos construindo, ao desejar segui-lo e ao caminhar por ele. Lembram também? “*Caminhante, não há caminho. Se faz caminho ao andar.*” Isto eu sei de quem é. É de um poema de Antônio Machado, um poeta espanhol que quase sempre se esquece que foi sempre um professor de escola. Uma pessoa ligada à poesia e à educação, como Cecília Meireles e Adélia Prado. Não esquecer.

Pois bem. Vale o mesmo, da mesma maneira, para o sentimento e a consciência de nosso “*Pertencer ao Universo*” (título de um dos livros do Capra). Em nada isto está

pronto, a não ser no ser uma fagulha inicial de um fogo de Prometeu, em todos e em cada um de nós.

Sentir-se neste *pertencimento do absoluto* e deixar-se ficar, deslumbrado, contemplando em posição de Lotus o fio de felicidade que vai do meu umbigo a uma estrela qualquer, é perder o sentido primordial da *responsabilidade do pertencimento*. Isto é, se o viver “isto”, este sentir “isto deslumbradamente em mim, não me abre afetiva, ética e politicamente ao meu outro. A todos os outros do Mundo. A todos os seres vivos do Mundo de que sou parte e partilha.

E aqui está um último ponto que devemos tratar. Em um dos estudos de *Somos as Águas Puras*, eu faço referência a alguns autores muito importantes de nosso tempo, para tentar alargar com eles um sentido de *Paz*, dentro do marco de nossos relacionamentos com a *Natureza*.

Trago o testemunho de Herbert Marcuse, em um texto em que Jurgen Habermas dialoga como ele, assim como o de Claude Lévi-Strauss, um antropólogo. Neles aparece uma idéia essencial. Ela é a de que uma reconciliação entre todos nós, seres humanos, em nosso mundo ainda dividido, injusto e desigual, somente será possível quando, em um mesmo movimento de busca de harmonia entre nós, seres humanos, formos capazes de instaurar as pautas científicas e tecnológicas de uma nova relação com a natureza.

Uma relação pautada pela reconciliação. Um sistema de trocas *de e entre*, crescentemente regido pela *comunicação*, onde havia antes a exploração utilitária e a expropriação dos bens naturais do meio-ambiente. Regido pela sensibilidade carinhosa de quem se reconhece imerso no sentimento de sermos todos *guardiões do Universo*, onde antes havia um desejo imperioso de domínio, quando nos sentíamos (como tantos se reconhecem, até hoje), *donos do Mundo*. Em um pequeno artigo ousado sobre a idéia de *Paz* na Constituição Francesa, Lévi-Strauss vai ao limite de sugerir a políticos de seu País, que abandonemos o suposto de sermos *seres racionais* opostos a todos os outros, para nos definirmos a nós mesmos como *seres humanos*, e para estabelecermos a legitimidade do nosso direito de domínio absoluto sobre todos os seres de nosso Planeta, pela idéia fraterna de que somos *seres da Vida*.

Assim, o que antes nos opunha aos seres que dominávamos, agora nos integra ao seu plano de existência. Pois plantas, bichos e nós partilhamos uma mesma realidade que por igual funda a nossa própria identidade e nos irmana, dentro de um mesmo plano de existência. E ele chega a concluir que se isto é uma verdade a ser assumida como um

saber e como um valor, então os nossos próprios *direitos humanos* encontram o seu limite sempre que possam vir a ferir, em outros seres da Vida, os seus *direitos à vida*.

Retenhamos disto esta idéia, a ser também passo-a-passo construída. A de que o reconhecimento de sermos a *dimensão de consciência reflexiva* de todo o Universo, nos torna ainda mais responsáveis por tudo. Este deve ser o fundamento de nosso sentir. De um sentir solidário de que somos que somos, como o Sol e as estrelas, um momento do existir vivo de todas as coisas.

Até o ponto em que o que valha para o Céu e para as Estrelas, valha também para a vida e a consciência de cada uma e cada um de nós.

*Tudo, no Céu inteligível está em todas as partes
Qualquer coisa é todas as coisas.
O Sol é todas as estrelas e cada Estrela é todas as estrelas
e o Sol.*

Plotino Eneadas V 8,4

*Rosa dos Ventos
outono de 1997*

